

Aula de filosofia e processos de subjetivação por meio de narrativas: a figura do professor e a produção do documentário ‘O homem das mil vozes’

Philosophy lessons and processes of subjectification through narratives: the role of the professor and the production of the documentary “The man of a thousand voices”

Carolina Ferrarezi

Graduada na Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, São Paulo, Brasil
carolina.ferrarezi22@gmail.com

Eliana Chaves

Graduada na Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, São Paulo, Brasil
elianachaves0955@hotmail.com

Simone Alauk

Graduada na Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, São Paulo, Brasil
simonealauk@yahoo.com.br

Angela Zamora Cilento

Professora na Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, São Paulo, Brasil.
angela.rezende@mackenzie.br

Recebido em 06 de junho de 2018
Aprovado em 12 de novembro de 2018
Publicado em 23 de janeiro de 2019

RESUMO: Este artigo pretende elucidar e enaltecer a figura do educador, dotado dos dons da narrativa em suas aulas de filosofia. Para tanto, serão relacionados os conceitos de Erfahrung (experiência formativa) e de Erlebnis (vivência) elaborados por Walter Benjamin, conceitos estes que servirão de subsídio teórico para a análise do documentário “O Homem das Mil Vozes”, produzido e gravado durante as aulas de filosofia ministradas pelo Professor Nicola Reinaldo Zingare, no ensino médio, da Escola Estadual Jácomo Stávale, localizada no bairro da Freguesia do Ó, zona norte da capital de São Paulo. A investigação debruça-se principalmente sobre as possibilidades da narrativa vir alcançar o estatuto de Erfahrung, dentro dos moldes benjaminianos. Em seguida, verificaremos se a produção do documentário atende ao processo formativo dos espectadores, isto é, se ele pode também ser classificado como uma experiência. Para tanto, pretendemos demonstrar a relevância de um professor capaz de provocar a experiência formativa em seus alunos. Desse modo, acreditamos como licenciandas do curso de filosofia do PIBID\Mackenzie\Capes, que os processos de subjetivação abrem o caminho para a formação dos educandos diante deste cenário desmotivador da educação brasileira.

Palavras-chave: Educação; Experiência; Filosofia; Walter Benjamin.

ABSTRACT: This article seeks to elucidate and enhance the figure of the educator, endowed with the gifts of narrative in his philosophy classes. For this, the concepts of *Erfahrung* (formative experience) and *Erlebnis* (experience) elaborated by Walter Benjamin will be related, concepts that will serve as theoretical subsidy for the analysis of the documentary “The Man of a Thousand Voices”, produced and recorded during the lessons of philosophy taught by Professor Nicola Reinaldo Zingare, in high school, of the State School Jácomo Stávale, located in the neighborhood of Freguesia do Ó, north of the capital of São Paulo. The research focuses mainly on the possibilities of the narrative to reach the status of *Erfahrung*, in the Benjaminian molds. Next, we will verify if the production of the documentary meets the formative process of the spectators, that is, if it can also be classified as an experience. Therefore, we intend to demonstrate the relevance of a teacher capable of provoking the formative experience in his students. Thus, we believe as graduates of the course of philosophy of PIBID \ Mackenzie \ Capes, that the processes of subjectivation open the way for the formation of students in this demotivating scenario of Brazilian education.

Keywords: Education, Philosophy, Experience, Walter Benjamin

Introdução

Quando se fala em educação, mesmo quando tomada em sentido lato, há uma discussão permanente: “Como é que se ensina alguma coisa? Como é que se aprende?” Vemos que é impossível trilharmos uma única diretriz para percorrermos esta questão, já que variáveis e condicionantes devem ser consideradas e que estão ligadas às condições biopsicossociais dos envolvidos. Mas não nos parece que o processo de aprendizagem esteja circunscrito por estas variáveis, sem que prescindamos delas. O professor Silvio Gallo nos fala sobre as múltiplas dimensões do aprender, ou seja, aprendemos tacitamente aquilo que não foi ensinado. Vejamos a passagem utilizada pelo autor que referenda esta ideia no romance, *Uma Aprendizagem ou O livro dos prazeres* de Clarice Lispector, escrito no final da década de 1960. Este narra o envolvimento amoroso de uma professora primária, Lori, com um professor de filosofia, Ulisses. Em suas últimas páginas, nos deparamos com a fala da personagem Lori sobre Ulisses:

Aprendo contigo mas você pensa que eu aprendi com tuas lições, pois não foi, aprendi o que você nem sonhava em me ensinar. A frase beira o enigmático... como alguém pode aprender com o outro, mas não aquilo que foi ensinado? (GALLO, 2012, p.1) (grifos nossos)

Gallo reitera que não é possível dimensionar a forma pela qual alguém aprende, mas podemos dizer que as narrativas sempre foram a melhor maneira pela qual a humanidade aprendeu as coisas. Dentro desta perspectiva, é pertinente revisitarmos a filosofia de Walter Benjamin, sobre as narrativas para o processo de aprendizagem incidindo na provocação de experiências voltadas para a vida. Para Benjamin, há na modernidade o crescente empobrecimento da experiência (*Erfahrung*) que contribuiu para a base formativa da cultura. Em vista disso, ressaltamos a problemática: “que moribundos dizem hoje palavras tão duráveis que possam ser transmitidas como um anel, de geração em geração?” (BENJAMIN, 1987, pg.114).

Deste modo, o empobrecimento da experiência recaiu ao espaço escolar e na responsabilidade do papel do professor no que concerne à criação das condições de

possibilidade de narrativas que possam servir de subsídios teóricos e existenciais para a formação de seus alunos. Pretendemos objetivar em nosso artigo a experiência que tivemos no PIBID\Filosofia\Mackenzie, quando nos deparamos com o professor de filosofia, Reinaldo Nicola Zíngare, da rede pública estadual na E.E Jácomo Stávale, no Bairro da Freguesia do Ó, na capital de São Paulo. Esta experiência proporcionou reflexões que resultaram na realização do documentário ‘*O Homem das Mil Vozes*’.

No decorrer do processo, refletimos sobre o papel deste professor na rede pública do sistema de ensino brasileiro e nos amparamos nos conceitos de *Erfahrung e Erlebnis* propostos por Walter Benjamin, na intenção de identificar a ocorrência do processo formativo na experiência provocada pelo professor durante a exposição de suas aulas. Discutiremos também o conceito do autor sobre os estudos estéticos apresentados na obra “A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica”, para fundamentar a nossa escolha do documentário, colocando à problemática da produção promover ou não a experiência formativa proposta pelo filósofo.

A produção deste documentário foi um dos resultados das nossas práxis docentes que têm nos possibilitado profundas reflexões sobre a função social do professor, sua tarefa e responsabilidade, mas também às questões de análises discursivas e suas relações com os processos de subjetivação destes alunos, contribuindo assim para a nossa formação como futuros docentes e filósofos.

Os conceitos de *Erfahrung e Erlebnis* em Walter Benjamin

Na primeira parte do nosso artigo, buscaremos evidenciar os conceitos de *Erfahrung* e de *Erlebnis* na filosofia de Walter Benjamin. Este descreve os processos de empobrecimento da experiência comunicável, pois as narrativas tradicionais – os mitos, os contos de fada e as sagas que vão sendo substituídos pelo romance e pela cultura jornalística que por sua vez se preocupam em informar e não em narrar. “É que a experiência da arte de narrar está em vias de extinção. São cada vez mais raras as pessoas que sabem narrar devidamente.” (BENJAMIN, 1987, pg. 197).

Ora, mas o que é um professor, senão um narrador? Não é ele quem deveria encantar seus alunos por meio de suas narrativas? Transpondo esta questão para o espaço educacional - portanto, se a arte de narrar está em vias de extinção, conforme nos apresenta o pensador alemão e diante de tantas novas tecnologias seria possível inferir que na contemporaneidade não haveria nem a figura do narrador naqueles moldes tradicionais, nem o emprego de práticas docentes que permitiriam aos educandos uma experiência formativa. Nosso problema de pesquisa incide na averiguação da possibilidade de ainda existirem narradores à altura do conceito de *Erfahrung* ou, pelo contrário, na constatação de que não há mais narradores, nem histórias, apenas informações de caráter superficial e objetivo. Assim, estamos cada vez mais distantes do espírito do narrador tradicional. GAGNEBIN nos alerta para a crescente perda da experiência na modernidade e na contemporaneidade, mais especificamente:

A perda da experiência acarreta um outro desaparecimento, o das formas tradicionais de narrativa, de narração; que têm sua fonte nessa comunidade e nessa transmissibilidade. [...]. Nesse diagnóstico, Benjamin reúne reflexões oriundas de duas técnicas (em particular sua aceleração a serviço da organização capitalista) e uma reflexão convergente sobre a memória traumática, sobre a experiência do choque [...], portanto, sobre a impossibilidade, para a linguagem cotidiana, de assimilar o choque, o trama [...] (GAGNEBIN, 2004, pg.50-51).

Para Walter Benjamin, a pobreza da experiência comunicável caracteriza a quase impossibilidade da *Erhfahrung* na modernidade, pois o silêncio provocado pelas guerras¹, somado às forças do capitalismo industrial, pautado pelas intermináveis horas de trabalho restringe cada vez mais o tempo do ócio e da narrativa que era costurada pelo trabalho manual. Diante do barulho ensurdecedor das máquinas e das metas de produção, substituíram-se as narrativas de caráter formativo pela *Erlebnis*: a vivência de um indivíduo isolado, desconectado da comunidade e incapaz de refletir, que não consegue mais receber os conselhos diretos e indiretos advindos das grandes narrativas. Este indivíduo se pauta na informação, e não no conhecimento. Leandro Konder nos ajudará a realizar a distinção dos termos expostos em O Narrador:

Erfahrung é o conhecimento obtido através de uma experiência que se acumula, que se prolonga, que se desdobra, como numa viagem (e viajar, em alemão, é fahren); o sujeito integrado numa comunidade dispõe de critérios que lhe permitem ir sedimentando as coisas, com o tempo. 'Erlebnis' é a vivência do indivíduo privado, isolado; é a impressão forte, que precisa ser assimilada às pressas, que produz efeitos imediatos. 'Erfahrung é o produto do trabalho' – esquematizaria Benjamin no Trabalho das Passagens – 'e Erlebnis é a fantasmagoria do ocioso'. Não podemos deixar de reconhecer que, nas condições atuais, estamos vivendo, com crescente intensidade, sob o signo da 'Erlebnis'. (KONDER, 1999, pg.83).

Benjamin conceitua a experiência (*Erfahrung*): “a experiência é matéria da tradição, tanto na vida privada quanto na coletiva. Forma-se menos com dados isolados e rigorosamente fixados na memória, do que com dados acumulados, e com frequência inconscientes, que afluem à memória” (BENJAMIN, 1994, pg. 103). Em contraposição, a *Erlebnis* se forma através de “dados isolados” que são “rigorosamente fixados na memória” (BENJAMIN, 1994, pg.105). Em outras palavras, a *Erfahrung* tem a consistência de uma sedimentação inscrita na temporalidade, transmitida por gerações:

Ela supõe, portanto, uma tradição compartilhada e retomada na continuidade de uma palavra transmitida de pai para filho; continuidade e temporalidade das sociedades 'artesaniais' diz Benjamin em 'O Narrador', em oposição ao tempo deslocado e entrecortado do trabalho no capitalismo moderno [...] Benjamin situa neste contexto

o surgimento (de) um novo conceito de experiência, em oposição àquele de *Erfahrung* (Experiência), o do *Erlebnis* (Vivência), que reenvia à vida do indivíduo particular, na sua inefável preciosidade, mas também na sua solidão (GAGNEBIN, 1999, pg.57-59).

A *Erfahrung* era transmitida oralmente pelos narradores, estes classificados por dois grupos iniciais encontrados no marinheiro comerciante: aquele que narra suas aventuras, o viajante e o outro, o camponês sedentário, que retrata as histórias e a tradição de sua terra, os artesãos. O Narrador vai ao encontro do ouvinte com todos os seus meios expressivos e os orchestra da forma mais precisa e natural a fim de transmitir a experiência “a antiga coordenação da alma, do olhar e da mão (...) é típica do artesão, e é ela que encontramos sempre, onde quer que a arte de narrar seja praticada (BENJAMIN, 1987, pg. 221). Ou seja, “a arte de narrar está atrelada ao trabalho manual, como os artesões, o narrador informa e transmite os ensinamentos provenientes da experiência através do próprio produto de sua obra”. (GAGNEBIN, 1999, pg.57).

Assim como descreve Walter Benjamin — na modernidade, as novas formas de sociabilização nas relações de trabalho impossibilitavam a *Erfahrung*, favorecendo as vivências individuais (*Erlebnis*). Com o tempo, o conhecimento deixou de ser produzido pela transmissão da experiência formativa, oriunda da tradição oral na coletividade, ao contrário, predomina agora a vivência solitária. As narrativas tradicionais provocavam um conhecimento capaz de suscitar reflexões para além daquilo que é narrado, não se limitava a transmitir algo ao leitor, mas permitia levá-lo à própria experiência formativa, como nos contos de fada, por exemplo, ao propiciar conselhos:

Ele é ainda hoje o primeiro conselheiro das crianças, porque foi o primeiro da humanidade, e sobrevive, secretamente, na narrativa. O primeiro narrador verdadeiro é e continua sendo o narrador de contos de fadas. Esse sabia dar um bom conselho, quando ele era difícil de obter, e oferecia sua ajuda, em caso de emergência. (BENJAMIN, 1987, pg. 215) [grifos nossos]

O pensador alemão entende que os contos de fada são sedimentados em camadas profundas da nossa psiquê, de modo a não perdermos a virtude e a esperança de que o bem prevaleça sobre o mal, ou seja, aconselha. Para ele, todas as criaturas e a própria natureza colaboram, mesmo sem terem o dom da palavra, mas ainda, são cúmplices do homem para que toda a criação retorne a Deus. “A hierarquia do mundo das criaturas, que culmina na figura do justo, desce por múltiplos estratos até os abismos do inanimado.” (BENJAMIN, 1987, p. 217). Esta concepção está atrelada à sua teoria da linguagem que apresenta em linhas gerais, a ideia de que toda a natureza suspira e se lamenta silenciosamente pela perda do estado originário da humanidade e tudo aquilo que existe anseia por este retorno, mas como não são dotadas de voz, pois apenas o homem pode falar, toda a natureza colabora para que este retorno seja possível.

Além de aconselhar os homens, a narrativa, para Benjamin, “tem sempre em si, às vezes de forma latente, uma dimensão utilitária” (BENJAMIN, 1987, pg.200). “Essa utilidade

pode consistir seja num ensinamento moral, seja numa sugestão prática, num provérbio ou numa norma de vida.” (BENJAMIN, 1987, pg.200).

Após o romance que veio a esfacelar a narrativa de caráter tradicional, encontramos a teoria da informação que é incompatível com a narrativa. A narração, antes capaz de se desenvolver através de fábulas, contos e histórias, foi preterida pelo surgimento do romance. Com ele, portanto, houve o afastamento definitivo da função do narrador, pois o romance relata não a vivência coletiva, mas a estória do indivíduo isolado e desorientado.

O primeiro indício da evolução que vai culminar na morte da narrativa é o surgimento do romance no início do período moderno. [...] o que distingue o romance de todas outras formas de prosa – contos de fada, lendas e mesmo novelas – é que ele nem procede da tradição oral nem a alimenta. Ele se distingue, especialmente, da narrativa. O narrador tira a experiência o que ele conta: sua própria experiência ou a relatada pelos outros. (BENJAMIN, 1987, pg.201).

Em *Experiência e Pobreza*, Benjamin recoloca a problemática do conceito de *Erfahrung* em contraposição à informação exagerada do mundo industrial:

Pobreza de experiência: não se deve imaginar que os homens aspirem a novas experiências. Não, elas aspiram a libertar-se toda experiência, aspiram a um mundo em que possam ostentar tão pura e tão claramente sua pobreza externa e interna, que algo de decente possa resultar disso. Nem sempre eles são ignorantes ou inexperientes. Muitas vezes, podemos afirmar o oposto: eles ‘devoraram’ tudo, a ‘cultura’ e os ‘homens’, e ficaram saciados e exaustos. ‘Vocês estão todos tão cansados – e tudo porque não concentraram todos os seus pensamentos num plano totalmente simples mas absolutamente grandioso’. (BENJAMIN, 1987, pg.118)

Para Walter Benjamin, a pobreza da experiência na modernidade está inserida na quase impossibilidade de *Erfahrung*: “a *Erfahrung* uma experiência que se acumula, prolonga e se desdobra (...) o sujeito integrado numa comunidade dispõe de critérios que lhe permitem ir sedimentando as coisas com o tempo” (KONDER, 1988, p.72). A ausência de *Erfahrung* evidencia o modo de ser da modernidade. Segundo o autor, a experiência foi substituída pela *Erlebnis*, ou seja, pela vivência do indivíduo isolado, com o romance inicialmente e posteriormente, com a cultura jornalística.

No capitalismo avançado ‘a hipertrofia da comunicação de informações ocorreu sob a égide disseminação da indústria cultural por meio da imprensa e de seu aparato ideológico de manipulação, veiculação e fabricação de informação teve nesse acontecimento uma participação decisiva. O homem moderno, portanto, é pobre em experiências e se acomoda nesta situação. Mas é preciso ressaltarmos que as grandes experiências que podem ser vivenciadas, nem sempre são passíveis de narrativa, ou seja, comunicáveis. (BENJAMIN, 1980)

Diante do esclarecimento da importância da arte da narrativa para Walter Benjamin e dos conceitos de *Erfahrung* e *Erlebnis*, notamos que toda cultura encontra modos de registrar sua cosmovisão, experiências e aprendizagens por meio de textos orais e escritos, ou seja, a própria história se constitui como uma narrativa. A partir desta perspectiva, conforme SAYEG-SIQUEIRA (1992, pg. 32): “A narrativa foi assim concebida, desde o seu início: trazer para o homem uma lição de moral, um exemplo de vida. Começou com os contos fantásticos, com as fábulas, com as parábolas”.

Neste sentido, dando continuidade ao nosso trabalho, nos detivermos sobre as relações da teoria da narração com outro texto de *Walter Benjamin – A Obra de Arte na Era de sua Reprodutibilidade Técnica*, com o propósito de verificarmos se a produção do nosso documentário atende ao processo formativo dos espectadores, isto é, se ele também pode ser classificado como uma experiência de estatuto de *Erfahrung*. Desta forma, cabe retomar este conceito à luz da própria teoria da linguagem, antes de prosseguirmos.

Para MARCUSCHI (2008), a narrativa é vista como uma sequência textual e seus estudos abordam mais as questões dos gêneros textuais. Nesse sentido, o gênero literário oferecerá os subsídios necessários para a criação da narrativa:

O tipo caracteriza-se muito mais como sequências linguísticas (sequências retóricas) do que como textos materializados; a rigor, são modos textuais. Em geral, os tipos textuais abrangem cerca meia dúzia de categorias conhecidas como: narração, argumentação, exposição, descrição, injunção. O conjunto de categorias para designar tipos textuais é limitado e sem tendência a aumentar. Quando predomina um modo num dado texto concreto, dizemos que esse é um texto argumentativo ou narrativo ou expositivo ou descritivo ou injuntivo. (MARCUSCHI, 2008, pg. 154)

Em síntese, conforme os postulados estabelecidos pelo autor tratado, podemos ressaltar que a narração é uma tipologia textual que está presente em diversos gêneros, tanto escritos quanto orais. Além de apresentar uma organização e superestrutura específica, não se conforma a uma estrutura fixa e imutável. Se em *O Narrador – Considerações Sobre A Obra de Nikolai Leskov*, publicado em 1936, Benjamin se utiliza da obra do escritor russo, como, talvez, um dos últimos representantes da arte da narrativa, em *A Obra de Arte na Era de sua Reprodutibilidade Técnica*, afirma que reprodução técnica empobrece ainda mais esta experiência formativa. Todavia, no final do texto, encontramos uma saída que legitima a nossa produção.

Benjamin expõe as consequências decorrentes em *A Obra de Arte na Era de Reprodutibilidade Técnica* (1936). Tal reprodutibilidade tem sido ano a ano aprimorada e domina todos os âmbitos da vida, inserindo-se nos campos econômico, político e principalmente artístico. Destacamos também a ênfase ao cinema, enquanto uma das formas de arte mais privilegiadas deste homem contemporâneo. É na sétima arte, que o autor demonstrará a vigência das massas no processo da perda da aura.

Mesmo na produção mais perfeita, um elemento está ausente: o aqui e o agora da obra de arte, sua existência única, no lugar em que ela se encontra. É nessa existência única, e somente nela, que se desdobra a história da obra. Essa história compreende não apenas as transformações que ela sofreu, com a passagem do tempo, em sua estrutura física, como as relações de propriedade em que ela ingressou. (BENJAMIN, 1987, pg.167).

Contudo, a perda da aura² e a fuga da tradição sofrida pela obra de arte, movidas pelo processo da reprodução, ao possibilitar uma situação de contato íntimo com os movimentos de massa representa o reverso da crise e renovação atuais da humanidade. Benjamin, à luz do teatro de Brecht aponta que o cinema é a maior força desse processo de “reverso da crise”. O cinema pode vir a potencializar novas percepções sobre o ‘real’ de modo a provocar reflexões que passam despercebidas no cotidiano das pessoas que tomam certos fenômenos por ‘naturais’, bem como podem servir como instrumento para um engajamento político.

Non seulement le film – nouvel ‘inconsciente optique’ – nous révèle l’essence cachée de la ville, mais il transforme aussi la perception quotidienne et désabusée du monde dans lequel nous vivons pour reconfigurer notre expérience de la ville [...] au cinéma, les masses rejouent ce qu’elles subissent quotidiennement dans l’espace métropolitain. (SIMAY, 2005, pg.16).³

Podemos nos perguntar se hoje as novas tecnologias podem servir como ferramentas, como produção de material didático-pedagógico. E afirmar que sim. Isso significa que, em primeiro lugar, com a produção de nosso documentário: ‘O Homem das Mil Vozes’, temos a possibilidade de uma narrativa capaz de contribuir para este processo. Em segundo, retomando a ideia do engajamento, esta produção pode proporcionar a inspiração necessária para o aprimoramento pessoal dos professores na busca pela excelência, a motivação à leitura das obras filosóficas e porque não pensar em uma amplitude política para a construção de uma sociedade civil mais justa e igualitária, como objetiva o teatro de Brecht. Em terceiro, podemos apreender que mesmo não tendo assistido às aulas do professor (personagem) que guia a narrativa do documentário, suas habilidades narrativas são evidenciadas e capazes de provocar à emancipação, isto é, ao promover uma aprendizagem significativa dos alunos, o professor não se limita a apresentar o conteúdo, mas a de provocar a experiência formativa.

Procedimentos metodológicos

O documentário ‘O Homem das Mil Vozes’ foi produzido e gravado na periferia da cidade de São Paulo, Freguesia do Ó, durante as aulas de filosofia do ensino médio ministradas pelo Professor Nicola Reinaldo Zíngare. Em primeiro lugar, nossa investigação se debruçou sobre as condições de possibilidade de que uma narrativa, como a do professor acima mencionado, venha a alcançar o estatuto de Erfahrung dentro dos moldes benjaminianos.

Em seguida, verificamos se a produção do documentário atende ao processo formativo dos espectadores nesse mesmo estatuto, isto é, se ele também pode ser classificado como uma experiência ou se não se classifica (como tal). Enquanto licenciandas do curso de Filosofia da Universidade Presbiteriana Mackenzie e bolsistas do PIBID\Capes, pretendemos demonstrar, a partir desta produção, a relevância formativa que um professor, pela sua narrativa, pode contribuir para os processos de subjetivação dos educandos e licenciados.

O subprojeto em nossa Instituição no curso de filosofia está sob a coordenação da professora Ms. Ângela Zamora Cilento e tem como principal objetivo o ensino de filosofia por meio da sensibilização estética. Em parceria com as escolas estaduais, o PIBID\Filosofia\Mackenzie tem impactado os alunos da educação básica, licenciados, professores da rede pública e da academia reverberando suas produções por toda a comunidade. Foram produzidas desde então, planos de aula, sequências didáticas, pesquisas, planos de ensino, artigos acadêmicos, projetos de iniciação científica, elaboração de material didático pedagógico, como capítulos de livros e jogos, trabalhos de conclusão de curso, colaborando assim para a descoberta de competências e, conseqüentemente para a construção dessas subjetividades.

No documentário 'O Homem das Mil Vozes', procuramos realizar uma intervenção que evidenciasse os questionamentos existenciais, demonstrando a importância do ensino de filosofia por meio da sensibilização estética capaz de orientar e provocar este diálogo, pois acreditamos que a arte liberta, dá voz, ensina, questiona, conecta e humaniza. A escolha do documentário surgiu como um processo de interação e descoberta da subjetividade dos alunos conduzida pelo educador, este por sua vez, se tornou o protagonista do roteiro, pois todos os depoimentos resultavam na identificação de um autor da experiência de um aprendizado formativo.

O documentário se tornou um exemplo da possibilidade do cumprimento dos objetivos do programa, pois a intervenção realizada trouxe uma prática pedagógica através da experiência sensível. No processo de gravação, foi preciso respeitar cada aluno como um ser humano que tem uma bagagem própria e que precisa se expressar – aprender, neste exercício de docência, a não reprimir os sentimentos e anseios, os temores e as dúvidas para que esta subjetividade pudesse emergir. Nossa proposta incidiu na criação de um espaço para essas vozes, muitas vezes oprimidas pelas pressões existenciais, sociais e pelos braços estatais, a fim de captarmos por meio do discurso, o que subjaz dessas subjetividades.

Resultados e discussões

Assim como defendemos que apesar da escolha de um documentário, considerado como um produto inserido à reprodutibilidade técnica, não possuindo, como caracteriza Benjamin, "aura". Todavia, também não se trata de um produto fruto da inserção massiva do público, fecundando sob as égides da Indústria Cultural, pois se opõe à possibilidade de se tornar mercadoria, à linguagem imposta da reprodutibilidade técnica originária, indo em direção à dimensão autêntica da obra e suscitando reflexões problemáticas presentes nas esferas do discente e do docente. E a indústria cultural funciona sob o fundamento da reprodutibilidade técnica, que se caracteriza pela possibilidade de obtenção de cópias ad infinitum da obra

de arte, solapando a dimensão de autenticidade e singularidade redutível do objeto estético que eram próprias da arte aurática: “a mais perfeita reprodução falta sempre algo: o hic et nunc da obra (...) constitui aquilo que se chama de sua autenticidade” (BENJAMIN, 1980).

Dos vários alunos entrevistados, todos foram unânimes ao afirmarem a importância da disciplina de filosofia para o ensino médio e de que forma a filosofia os faz crescer e meditar sobre os acontecimentos no cotidiano da vida. E a figura impulsora que é o verdadeiro narrador, que soube tecer a aula de modo especial foi, sem dúvida, o professor. Quando a atenção se volta para outra atividade e o ouvinte “esquece de si mesmo”, há a possibilidade de se transmitir uma experiência – e mais, transmite-se a própria capacidade de transmitir. (BENJAMIN, 1987).

Assim surgiram os primeiros alunos predispostos a serem entrevistados. Algumas perguntas se repetiam, como: nome, idade, série, perfil socioeconômico, vida familiar, o que achavam das aulas de filosofia ou sobre o comportamento e procedimento das aulas ministradas pelo professor e, principalmente, como a filosofia contribuiu para a mudança de sua percepção sobre a vida. Foram vários alunos entrevistados, a seguir, apresentamos pequenos trechos dessas entrevistas:

Sempre estudei em escolas públicas. As aulas de filosofia me permitem ser quem eu sou, é preciso mergulhar dentro de si mesma para se conectar e se encontrar, é isso que hoje sou. Eu descobri coisas que eu não fazia ideia que existissem dentro de mim... (JULIANA, 16 anos, 2º ano do Ensino Médio. Entrevista concedida a Eliana Chaves. São Paulo. 06 de maio. 2017).

Antes era de escola particular, estou no EE Jácomo há três anos. Eu consigo pensar mais sobre as coisas com as aulas de filosofia, mais sobre a emoção. A filosofia me ajuda a pensar mais, agora penso em liberdade, sobre o meu papel pessoal na sociedade (GIOVANA, 17 anos, 3º ano do Ensino Médio. Entrevista concedida a Eliana Chaves. São Paulo. 06 de maio. 2017).

Todas as cenas gravadas durante as aulas demonstraram a potencialidade narrativa que esse educador apresenta, pois consegue despertar o aluno para seu caráter existencial, culminando na sua experiência formativa. Assim como a arte produz esse efeito no homem, este ser humano dotado de um discurso que o toca consegue provocar senão a *Erfahrung*, uma aprendizagem significativa. Sua postura ultrapassa a massificação das apostilas didáticas oferecidas pelo Governo do Estado. É notável também a relação de cumplicidade que foi estabelecida entre alunos e professor. Não se trata de uma autoridade onipotente e distante com um público silenciado e desinteressado, mas da vivência composta por aulas significativas que provocam, sensibilizam, afetam e modificam os envolvidos.

O documentário ‘*O Homem das Mil Vozes*’ possibilita a narração de uma história em que os atores de transformação são mais do que apenas pertencentes de um sistema em vigência, mas lutam e se opõem ao controle da modernidade. Nessas vozes, identificamos o quanto a figura do professor se torna fundamental para o processo formativo de seus alunos, possibilitando a *Erfahrung*.

Considerações finais

Educar, de fato, é uma experiência possível. Ao caminharmos nos corredores dessa escola, ouvimos os gritos desses jovens, seus discursos já fadigados sobre a necessidade de serem ouvidos, vistos, não como mais um da fábrica de “não-conhecimento” que o Estado criou, mas como indivíduos criadores e autônomos. Nesse sentido, precisamos continuar a transcender barreiras – e o PIBID já se coloca nesta fase de mudança ao reformular possibilidades metodológicas para a apreensão conceitual nas mais diversas áreas do conhecimento.

Esta experiência associada à nossa formação nos leva à conclusão de que os discursos pré-estabelecidos não correspondem à multiplicidade discursiva da dinâmica da vida e que não existe um único caminho para a educação: cada turma possui sua singularidade, seu caráter original, cada indivíduo é um “universo”. Essa dinâmica possibilita a construção autônoma de cada aluno - cada um absorve determinadas coisas e as sintetiza de um modo particular – este é um dos aspectos da aprendizagem que queremos destacar, ou seja, o sujeito que aprende não é passivo e expressa na linguagem sua experiência existencial e a construção das relações intersubjetivas. Assim como o professor, enquanto narrador, será aquele que consegue tecer as iluminuras da Vida na construção de um saber reflexivo, capaz de dialogar com esta dinâmica da vida.

A educação deverá ilustrar este princípio de *Erfahrung* nas esferas do conhecimento, mesmo que não atinja a plenitude deste conceito. Portanto, é necessário reconhecer que o Professor Nicola Reinaldo Zíngare é capaz de provocar nesta práxis docente a experiência formativa culminando na autonomia do pensamento.

A educação como um processo de humanização, desconsidera o dualismo psicofísico herdado de certa tradição filosófica – um corpo constituído apenas de cérebro. O espaço de educar deve considerar toda a complexidade destes sujeitos e todas as dinâmicas envolvidas em múltiplas esferas.

Nesse sentido, acreditamos que através da figura de um bom professor, enquanto narrador, nos dirigimos à noção de *Erfahrung* proposta por Walter Benjamin, mesmo que ainda não alcançada em sua plenitude – serve como elemento norteador de ações que podem e devem ser aplicadas dentro da sala de aula. Ao articularmos essas narrativas às propostas do subprojeto de filosofia, obtivemos um produto oriundo da era da reprodutibilidade técnica, mas que procura resgatar uma dimensão autêntica que revela a sensibilidade, habilidade e competência do professor que inspira outros tantos a perseverarem, mesmo sob condições adversas, em sua luta por uma educação pública e de qualidade. A produção deste documentário assevera também sobre a criação um ponto de equilíbrio entre a interação do homem e da máquina, equilíbrio capaz de produzir uma explosão “terapêutica do inconsciente”. (BENJAMIN, 1987).

Referências

- BENJAMIN, Walter. **Magia e Técnica, Arte e Política**: ensaios sobre literatura e história da cultura. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1987. Obras escolhidas I.
- BUENO, Marcelo et al. **A Imprescindibilidade de um bom professor-supervisor no PIBID para que Ensino, Pesquisa e Extensão sejam objetivados in Cadernos de Formação Docente**. São Paulo, Ed. LiberArs, 2018.
- GAGNEBIN, Jeanne Marie. **História e narração em Walter Benjamin**. São Paulo: Perspectiva, 1999.
- GALLO, Silvio. **As múltiplas dimensões do Aprender**. Disponível em: <http://www.pmf.sc.gov.br/arquivos/arquivos/pdf/13_02_2012_10.54.50.a0ac3b8a140676ef8ae0dbf32e662762.pdf>. Acesso em: abr/2018.
- KOCH, Ingedore Villaça. **O texto e a construção dos sentidos**. 10 ed. 3^o reimpressão. São Paulo: Contexto, 2014.
- KONDER, Leandro. **Walter Benjamin: o marxismo da melancolia**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção Textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- SIMAY, P. **Capitales de la modernité: Walter Benjamin et la ville**. Paris; Tel-Aviv: Editions de l'éclat, 2005.
- SIQUEIRA, João Hilton. **Organização textual da narrativa**. 1 ed. São Paulo: Selinunte, 1992.
- TRAVAGLIA, L. C. (1991). **Um estudo textual-discursivo do verbo no português**. Campinas, Tese de Doutorado / IEL / UNICAMP, 1991.
- VÍDEO: **O Homem das Mil Vozes**. Disponível em: <<https://vimeo.com/234510284>>. Acesso em: 21 de abril de 2018.

Notas

¹ Em **O Narrador**: “Com a guerra mundial tornou-se manifesto um processo que continua até hoje. No final da guerra, observou-se que os combatentes voltavam mudos do campo de batalha e não mais ricos, e sim mais pobres em experiência comunicável.” (BENJAMIN – O Narrador, 1987, pg.198)

² É uma figura singular, composta de elementos espaciais e temporais: a aparição única de uma coisa distante, por mais perto que ela esteja. (BENJAMIN – **A Obra De Arte Na Era De Sua Reprodutibilidade Técnica, 1987, pg.170**)

³ “Não somente o filme – ‘novo inconsciente ótico’ – nós revela a essência escondida da cidade, mas ele transforma também a percepção cotidiana e desiludida do mundo em que nós vivemos para reconfigurar a nossa experiência da cidade [...] no cinema, as massas reproduzem o que experimentam todos os dias na região metropolitana”.

Correspondência

Carolina Ferrarezi – Rua da Consolação, 930, Higienópolis, Universidade Presbiteriana Mackenzie, CEP: 01.302-907, São Paulo, São Paulo, Brasil.



This work is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial 4.0 International (CC BY-NC 4.0)